

Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias



Vol. 30 / 2012
II Série

hampus

chc

O caso Paneb (Papiro Salt 124). Entre a frustração e o senso de justiça

José das Candeias Sales*

«Sa biographie [de Paneb] illustre de manière exemplaire combien la nature des sources peut biaiser le travail de l'historien»

Pascal Vernus, «Le chef d'équipe Paneb», *Les Artistes de Pharaon.*

Deir el-Médineh et la Vallée des Rois, Paris,

Réunion des Musées Nationaux/ Brepols, 2002, p. 65

Paneb (*P3nb*) foi um trabalhador da aldeia de Deir el-Medina¹, nascido provavelmente por volta do ano 40 do reinado de Ramsés II (1279-1213 a. C.), XIX Dinastia, cerca de 1240 a. C., que viria a ocupar uma posição de relativo destaque a partir do ano 5 de Seti II Merenptah (c. 1200/ 1199-1194/ 1193 a. C.), como «chefe da equipa do lado direito do grupo»², e cujo

* Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

¹ Deir el-Medina («Mosteiro da Cidade», em virtude do mosteiro aí construído na época copta) é o nome árabe moderno de uma antiga povoação egípcia chamada *Ta set en Maet her imenty Uaset*, «O Lugar da Verdade a oeste de Uaset=Tebas» (que os trabalhadores chamavam simplesmente *Pa-demi*, «A cidade»), situada na margem ocidental do Nilo, diante da actual cidade de Luxor, a antiga *Uaset* (Tebas). Fundada por Tutmés I (1504-1492 a. C.), na XVIII Dinastia, a povoação, dotada de um muro circundante e de duas portas de entrada, foi crescendo ao longo dos tempos, até ao reinado de Ramsés XI (1099-1069 a. C.), XX Dinastia, e foi sempre o local de habitação dos trabalhadores responsáveis pela construção e decoração dos túmulos reais do Império Novo (XVIII-XX Dinastias). Logo desde o início do século XX, os trabalhos de escavação deste local, um dos raros exemplos de arquitectura civil chegados até aos nossos dias, realizados por italianos, alemães e franceses, permitiram recuperar numerosas inscrições em óstracas, além de equipamentos domésticos e fúnebres das habitações civis, santuários, capelas votivas e túmulos escavados na montanha vizinha a oeste da aldeia.

² Os trabalhadores ou servidores especializados dos túmulos reais (muitas vezes chamados na documentação egípcia *remetj en ta set en Maet*, «Servidores do Lugar da Verdade», ou *kherty*, «os que se relacionam com a necrópole») eram divididos em duas partes ou grupos (*isut, iswt*) ou «lados», o «esquerdo» e o «direito», sob a liderança de um «chefe de equipa», assistido por um substituto. Juntamente com o escriba afecto aos trabalhos constituíam os «três dirigentes». Cada lado integrava pedreiros, carpinteiros, chefes-carpinteiros, escultores, desenhadores e pintores. Isto tem sido interpretado como indicando os lados do túmulo em que cada equipa trabalhava. Outra sugestão, que não advogo, é que a designação se referisse aos lados da aldeia de Deir el-Medina onde se encontravam as suas habitações (cf. Strudwick, Nigel & Helen, *A Guide to the Tombs and Temples of Ancient Luxor. Thebes in Egypt*, London, British Museum

nome está associado a uma série de subornos, roubos, abusos de autoridade, ataques físicos, violações, adultério e até assassinato cometidos na sua aldeia e no Vale dos Reis ao longo de um quarto de século no final da XIX Dinastia.

Homem violento, *expert* em corrupção activa, desprovido de escrúpulos e beneficiando de uma impunidade fundada na corrupção e na «crise de valores» de final da XIX Dinastia, independentemente do grau de veracidade e de manifestação destas características de personalidade, Paneb é bastante bem conhecido devido a várias fontes iconográficas e literárias que lhe estão associadas. Entre as primeiras contam-se, por exemplo, as estelas do British Museum EA 272 e EA 273³. Os crimes de que é acusado são conhecidos em detalhe através do *Papiro Salt 124* (BM 10055), documento escrito datado da XX Dinastia (provavelmente do ano 6 de Ramsés III), c. de 1177 a. C.⁴.

Press, 1999, p. 178). Paneb era o chefe da equipa que trabalhava o lado direito dos túmulos do Vale dos Reis, competindo-lhe, pois, a par do chefe da equipa do lado esquerdo, organizar o trabalho e as actividades dos trabalhadores da necrópole real. O número de trabalhadores sob a alçada dos «chefes de equipa»/capatazes variou ao longo dos tempos: do mínimo de 32 no final do reinado de Ramsés II até ao máximo de 120 durante o reinado de Ramsés IV. O número médio de trabalhadores andaria pelos 60, 30 em cada «lado» (cf. *Ibid.*, p. 179; Rice, Michael, *Who's who in Ancient Egypt*, London/ New York, Routledge, 2002, p. 145). Paneb começou a sua «carreira», no ano 66 de Ramsés II, c. de 1213 a. C., como simples «trabalhador do grupo» (*remet-is-et, rmt-is-t*).

³ Ambas as estelas são de calcário e datadas da XIX Dinastia (cerca de 1195 a. C.). A *Estela de Paneb EA 272*, tem formato rectangular, com 19,3 cm de altura por 17 cm de largura. No registo superior apresenta Paneb, ajoelhado em veneração, diante da deusa-serpente da necrópole tebana, toda enrolada, Meretseger. No registo inferior surgem representados três figuras masculinas, igualmente de joelhos e em pose de adoração (braços e mãos erguidos). Trata-se dos descendentes de Paneb: o seu filho Aapehty e os filhos deste, seus netos, Paneb e Nebmehit – ver *Fig. 1* no final deste texto. A *Estela de Paneb EA 273*, arredondada no topo, mede 20 cm de altura por 13 cm de largura. Nesta estela, Paneb surge também no registo superior, de joelhos, venerando uma Meretseger entronizada, segurando o ceptro *uas*, de forma híbrida (corpo de mulher, cabeça de serpente). O registo inferior é ocupado pelos filhos de Paneb: Aapehty e Hadnakht, também na posição de adoração e de joelhos no solo – ver *Fig. 2* no final deste texto.

⁴ O *Papiro Salt 124* mede 38 cm de altura por 62 cm de comprimento e tem três folhas coladas juntas, com quatro colunas cada, duas de cada lado. O papiro deu entrada no Museu Britânico no início do século XIX com a considerável colecção de Henry Salt (1780-1827), mas permaneceria desconhecido até 1870, altura em que François Joseph Chabas (1817-1882) publicou uma cópia manuscrita do mesmo, fornecida por Samuel Birch (1813-1885) e efectuou a tradução e uma breve discussão do texto (Cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 243; Chabas, François; Birch, Émile, «Plainte contre un malfaiteur d'après un papyrus hiératique du Musée Britannique» in *Mélanges égyptologiques*, III Série, Tome I, 1870, pp. 172-201). Os gramáticos do final do século XIX/ início do XX não se interessaram particularmente pelo documento e só em 1924, e depois em 1928, Jaroslav Černý copia cuidadosamente o texto, transcreve-o com a colaboração de H. O. Lange do British Museum e o torna a publicar (cf. Černý, Jaroslav, «Papyrus Salt 124 (British Museum 10055)», *Journal of Egyptian Archaeology*, 15, 1929, p. 243). Trata-se de um papiro de boa escrita, embora de estilo bastante pobre. A ortografia apresentada é típica do início da XX Dinastia, com apenas um ou dois casos de «erros» ou omissões de preposições atribuíveis ao escriba (cf. *Ibid.*, p. 244). No final deste texto apresentamos a

As acusações colocadas na boca de Amennakht, seu tio adoptivo, e dirigidas ao vizir Hori em forma de carta dividem-se por vários dos aspectos do desonroso, desordeiro e deplorable comportamento que Paneb teria ostentado e permitem constatar a perenidade de alguns comportamentos humanos, como o abuso de poder, a violência e a amoralidade. Naturalmente, algumas das críticas de Amennakht seriam extensíveis a outros «chefes de equipa» ou a outras personagens ilustres de Deir el-Medina ou mesmo do Egipto da época, sendo, por isso, em certa medida, «vulgares». As dimensões relativamente reduzidas da comunidade de Deir el-Medina⁵ podem explicar, em parte, a eclosão de alguns desses comportamentos, relações pessoais mais tensas e até rupturas da vida privada (zangas, agressões, divórcios, etc.). Mas há, todavia, algo de inusitado e singular nas exacções «concentradas» de Paneb que torna o seu «caso» exemplar.

Independentemente dos possíveis exageros, da parcialidade e da deformação dos factos que a longa listagem de crimes atribuídos pelo denunciante ao denunciado possa conter, na medida em que algumas das alegações se baseavam, provavelmente, em boatos, distorções ou mentiras descaradas, o *Papiro Salt 124* é, pois, um documento extraordinário para se compreender o funcionamento da Administração e da Justiça no Império Novo, XIX-XX Dinastias, e a sua análise revela-nos de forma vívida a vida social de Deir el-Medina. Tudo leva a crer que as denúncias feitas ao vizir Hori por Amennakht foram levadas em consideração pelas autoridades egípcias e que Paneb acabou por ser julgado e severa e definitivamente punido, justamente no ano 6 de Ramsés III (1183/1182 – 1152/1151 a. C.), passando o seu castigo a figurar na memória colectiva da sua comunidade⁶.

tradução para português do *Papiro Salt 124*. Há ainda outros documentos onde Paneb é mencionado: uma mesa de oferendas (W97) do Egypt Centre de Swansea (cf. Lucas, G., «Four Egyptian pieces in the welcome collections at Swansea I», *Göttiner Miszellen* 167, 1998, pp. 83-85) e várias óstracas do Museu do Cairo: J49887, 25514, 25515, 25516, 25517, 25518, 25519, 25520 e 25521 (cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, pp. 254, 255).

⁵ As famílias de Deir el-Medina ocupavam aproximadamente setenta casas, alinhadas em duas filas ao longo da rua mais larga que dividia a aldeia em duas partes.

⁶ Apesar de haver uma óstraca, de cerca de 1175 a. C., que contém a frase «a morte do chefe», trata-se, não obstante, de uma conclusão não suportada documentalmente. De facto, não sabemos exactamente o que terá acontecido a Paneb, uma vez que o último pedaço do *Papiro Salt 124* que conteria a sentença se encontra destruído. Atendendo a que outras fontes (por exemplo, o Florence Ostrakon 2619) nomeiam como «chefes de equipa», no reinado de Ramsés III, Hay («chefe da equipa do lado esquerdo») e Nekhemmut («chefe da equipa do lado direito»), é assumido que este último substituiu Paneb no seu cargo e que este, por sua vez, terá sido severamente castigado pelos seus graves crimes, senão com a morte pelo menos com a destituição do cargo ocupado, como, aliás, pretendia Amennakht (cf. *Ibid.*, pp. 255, 257). Há igualmente quem aponte Aanakht como o sucessor de Paneb (cf. Strudwick, Nigel & Helen, *Ob. Cit.*, p. 191; Vernus, Pascal, *Affaires et scandales sous les Ramsès. La Crise des valeurs dans l'Égypte du Nouvel Empire*, Paris, Éditions Pygmalion/ Gérard Watelet, 1993, p. 121).

Contexto sócio-familiar-pessoal

As acusações apresentadas contra Paneb pelo queixoso Amennakht deixam-nos apreender o contexto global subjacente à vida em Deir el-Medina, a povoação da elite artesanal egípcia, perceber em detalhe a realidade sócio-familiar-pessoal deste caso (as ambições pessoais, os traços de carácter, a personalidade dos envolvidos) e explicar, em parte, o desencadear do próprio processo.

Amennakht identifica-se, no princípio do texto, como «filho de Nebnefer, capataz/chefe de equipa dos trabalhadores» (Recto, página 1, linha 1) – «chefe de equipa» do reinado de Ramsés II – e irmão mais novo de Neferhotep, que herdara o cargo de seu pai antes do final do reinado de Ramsés II e que o mantivera até ao início do reinado de Seti II⁷. Sabemos que o avô de Amennakht, também chamado Neferhotep, fora também capataz/chefe de equipa em Deir el-Medina no tempo do último faraó da XVIII Dinastia, Horemheb. Sobre estes funcionários da necrópole real é também sabido que construíram os seus túmulos em Deir el-Medina: TT 216 (Neferhotep, irmão de Amennakht); TT 6 (túmulo duplo, de Neferhotep, o avô, e Nebnefer, o pai)⁸ – vide esquema genealógico no Anexo.

Textos inscritos nestes dois túmulos deixam-nos perceber que o cargo de capataz/chefe de equipa era hereditário: o filho herdava o cargo de seu pai. Era assim pelo menos na família de Amennakht havia três gerações. É este hábito multigeracional que, no fundo, está subjacente ao desencadear do processo contra Paneb. De facto, as duas primeiras acusações de Amennakht são particularmente fortes e derivam do suposto direito que sentia de reivindicar a sucessão no cargo de seu irmão Neferhotep, entretanto falecido:

⁷ Cf. *Papiro Salt 124*, Recto, página 1, linha 2 – Ver no final deste texto a tradução que apresentamos do *Papiro Salt 124*. Cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 252. Jean Winand considera as quatro primeiras linhas do Papiro como «introduction "historique" où sont repris les antécédents indispensables à la compréhension de l'affaire» (Winand, Jean, «Le serment de Paneb et de son fils Papyrus Salt 124, V^o 1, 6-8», *Bulletin de la Société d'Égyptologie*, n^o 15, 1991, p. 107).

⁸ Cf. *Ibid.*, 251. Vide também Porter, Bert?; Moss, Rosalind L. B., *Topographical Bibliography of Ancient Egyptian Hieroglyphic Text, Reliefs, and Paintings. I, The Theban Necropolis – Part One: Private Tombs*, 2.^a ed., Oxford, Griffith Institute/ Ashmolean Museum, 1994, pp. 2, 14,15, 312-315. Também Paneb construiu o seu túmulo (TT 211) no mesmo local. Deste túmulo, à excepção da câmara funerária, pouco sobreviveu e até é possível que não tenha sido terminado ou mesmo que Paneb nele tenha sido realmente sepultado. Provavelmente, abandonou-o por outro mais luxuoso, quando se tornou «chefe de equipa» (cf. *Ibid.*, pp. 307-309; Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 257; *Id.*, *A Community of Workmen at Thebes during the Ramesside Period*, Cairo, Institute Française d'Archeologie Orientale, 1973, p. 305). Como escreve Briebrier: «As a simple and relatively young workman, it would be strange for Paneb to have had the influence and resources to begin a tomb, but as the adopted son and heir of the foreman Neferhotep such an activity would not be out of place» (Bierbrier, Morris L., «Paneb Rehabilitated?», in R. J. Demarée, A. Egberts (eds.), *Deir el-Medina in the Third Millennium AD* (Egyptologische Uitgaven 14), Leiden, 2000, pp. 51, 52).

«E o inimigo matou Neferhotep e, apesar de eu ser seu irmão, Paneb deu cinco servidores de meu pai a Parâemheb, que era então Vizir ... e ele pôs Paneb no lugar do meu pai, apesar de, realmente, esse não ser o seu lugar.» (Recto, 1, 2-4).

O «inimigo» (*hrw*) mencionado no início do *Papiro* tem sido interpretado de forma diferente pelos especialistas: para Helck, o «inimigo» designava os estrangeiros (beduínos ou líbios) que fizeram as suas incursões em Tebas⁹; para J. Černý, este «inimigo» pode ser uma alusão indirecta ao próprio Paneb, o que significaria que Amennakht considerava Paneb como o assassino do seu irmão. Černý conjuga esta passagem com a referência Verso, 2, 4: «(...) e matava as pessoas (...)» para reforçar esta «identificação» do assassino¹⁰. Da mesma forma, a ameaça de morte de Paneb a Neferhotep (Recto, 2, 16) inseria-se na mesma linha de conduta. Pessoalmente, parece-nos mais apropriada a «identificação» proposta por M. L. Bierbrier: o «inimigo» seria o faraó usurpador Amenmés e Neferhotep teria sido morto quando as tropas deste tomaram Tebas¹¹.

Neferhotep morreu durante a «guerra civil» ou «crise da sucessão» entre os apoiantes do usurpador Amenmés Heka Uaset (1203-1200/1199 a. C.) e os do príncipe herdeiro Seti II Merenpath (c. 1200/1199-1194/1193 a. C.) desencadeada com a morte de Merenptah, em 1203 a. C.¹². A admitir que no início do reinado de Seti II Neferhotep ainda era capataz da equipa do «lado direito» (como faz Černý), a sua morte terá ocorrido antes do último ano deste faraó. Dito de outra forma, foi a partir desse momento (ano 5 de Seti II), c. 1196/1195 a. C., que Paneb assumiu a chefia dos trabalhadores do «lado direito». Entretanto, Hay manteve o seu cargo de chefe do lado esquerdo, tendo, dessa forma, sido «colega», primeiro, de Neferhotep e, depois, do seu filho adoptivo Paneb.

Amennakht acusa Paneb de, com servidores que não lhe pertenciam, ter subornado o Vizir da época para o colocar como capataz/chefe de equipa no lugar do falecido Neferhotep. É preciso aqui enfatizar um dado relevante na caracterização social desta família, já mencionado acima, que se prende com o facto de Paneb ter sido adoptado por Neferhotep. Sem

⁹ Cf. Vernus, Pascal, *Ob. Cit.*, p. 219, nota 8.

¹⁰ Cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 247, nota 3.

¹¹ Cf. Bierbrier, Morris L., *Ob. Cit.*, p. 52. É também significativo que o nome «Mesy», o faraó Amenmés (Recto, 2, 18), seja determinado pelo signo de inimigo.

¹² Cf. Grimal, Nicolas, *Histoire de l'Égypte ancienne*, Paris, Fayard, 1988, p. 331. O *Papiro Salt 124* menciona uma vez Amenmés, o faraó usurpador (Recto, 2, 18) e quatro vezes explicitamente o faraó Seti II (Recto, 1, 5, 6 e 13; Recto, 2, 5). Refira-se a propósito que os últimos reinados da XIX Dinastia se sucederam a uma espantosa velocidade: quatro reinados em apenas dezassete anos. Todos os soberanos pertenciam à mesma família, mas Seti II, filho de Merenptah, era o único herdeiro legítimo. Amenmés era filho de uma esposa menor de Merenptah, chamada Takhat, e Siptah era o segundo filho de Seti II. Daí que Ramsés III os omita nas suas listagens reais. Da mesma forma, depois do breve reinado de Tauseret (cerca de dois anos), o fundador da XX Dinastia, Setnakht, surge também de forma um pouco misteriosa no poder.

filhos da sua esposa Uebhat e naturalmente preocupado com a sua sucessão, Neferhotep elegeu Paneb entre os jovens de Deir el-Medina e adoptou-o. Tal adopção, ocorrida no último terço do reinado de Ramsés II, só terá sido possível ou pela morte do pai de Paneb, Nefersenut, filho de Kasa, ou com a autorização dele, ainda em vida¹³. O que é facto é que, com cerca de 20 anos de idade, Paneb, na altura casado, com um filho¹⁴ e já com algum estatuto na comunidade, foi adoptado pelo capataz dos trabalhadores de Deir el-Medina¹⁵. A partir de então, Paneb foi educado pelo «pai adoptivo» no seu ofício¹⁶.

Subentende-se, pois, da formulação-fundamentação de Amennakht que ele considerava que, como membro da família do capataz da necrópole real, a chefia dos trabalhadores

¹³ Há algumas óstracas e estelas que atestam que o pai natural de Paneb era Nefersenut, filho de Kasa: Óstraca BM 5634 e Óstraca Cairo CG 25573; Estela BM 316, Estela Louvre E 16341 (Cf. Briebrier, Morris L., *Ob. Cit.*, p. 51; Kitchen, Kenneth A., *Ramesside Inscriptions. Volume III. Translated and Annotated Translations: Ramesses II, His Contemporaries*, Oxford, 1980, pp. 523, 524 e 531). Nefersenut é representado como criança no túmulo de seu pai, Kasa, o TT 10 (cf. Porter, Berta; Moss, Rosalind L. B., *Ob. Cit.*, pp. 19, 20). A mãe chamava-se Iuy (Ver Esquema Genealógico). A família de Paneb estava, pois, «bien implantée dans la communauté de Deir el-Médineh» (Vernus, Pascal, «Les vies édifiantes de deux personnages illustres de Deir el-Médineh. Le chef d'équipe Paneb» in Andreu, Guillemette (ed.), *Les Artistes de Pharaon. Deir el-Médineh et la Vallée des Rois*, Paris, Réunion des Musées Nationaux/ Brepols, 2002, p. 65). Vernus admite que, no momento da adopção, Paneb podia já ser órfão, «dès leur jeune âge» (*Id.*, *Affaires ...*, p. 103).

¹⁴ Cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 301. Paneb casou-se com Uabet, uma das parentes de Hay, o chefe de equipa do «lado esquerdo», que herdara a função de seu pai. Este Hay é referenciado no *Papiro Salt 124* (Recto, 2, 21). O filho de Paneb era Aapehty, também mencionado no *Papiro* duas vezes (Recto, 2, 4 e 10), sendo explícito numa delas (Recto, 2, 4) que se trata do filho de Paneb. Este filho surge igualmente retratado e mencionado nas estelas BME A 272 e EA 273 (*vide* nota 3). Paneb teve outros filhos: na câmara funerária do TT 211, há representações do falecido Paneb em companhia de seis filhas (cf. Porter, Berta; Moss, Rosalind L. B., *Ob. Cit.*, p. 307).

¹⁵ Neferhotep tinha um segundo filho adoptivo: Hesunebef, mencionado em vários documentos de Deir el-Medina. Pode ter começado a sua vida como escravo (*hm*), embora não saibamos se se trata de um escravo no sentido literal. Esta opinião baseia-se, sobretudo, em dois factos: por um lado, uma inscrição de um fragmento de um relevo do túmulo de Neferhotep, proveniente de uma estátua de Neferhotep e da sua mulher Uebhat, em que se menciona que «O seu escravo, o filho da sua casa, Hesunebef... O seu Senhor elogia-o». O fragmento mostra uma criança com um macaco. Por outro lado, como não se sabe o nome do pai natural de Hesunebef, alguns interpretam-no como prova de que era um verdadeiro escravo. Filho dedicado que ajudou a tratar do seu «pai» enquanto este esteve doente, pelo menos a julgar pela ausência prolongada ao trabalho justificada pelo acompanhamento da doença prolongada de Neferhotep e por ele recordado com afecto no seu túmulo, Hesunebef não chegou socialmente tão longe como Paneb, mas parece ter sido um homem decente, agradecido ao seu patrono e respeitado pelos seus pares. Chegou a ser membro da *Kenbet* ou tribunal da aldeia, o que é visto como um reconhecimento do seu bom senso e temperamento (cf. McDowell, Andrea G., *Village Life in Ancient Egypt: Laundry lists and love songs*, Oxford, Oxford University Press, 1999, p. 43).

¹⁶ No *Papiro Salt 124* menciona-se a determinada altura que fora Neferhotep quem o formara (Recto, 2, 14). Dito de outra forma, Neferhotep encarregou-se de preparar a sua sucessão na função de capataz do seu «filho espiritual», Paneb, tratando da sua educação no ofício.

depois da morte do irmão Ihe cabia a ele e não a Paneb, e que este só a obtivera porque subornara o corrupto vizir Parâemheb, no caso com o «presente» de cinco servidores pertencentes a Nebnefer. Estamos perante uma situação em que está em causa um costume egípcio de sucessão não sedimentado: «Quoi qu'il en soit, Néferhotep n'ayant pas eu d'enfant, c'est son frère, c'est-à-dire Amennekht, qui était au premier rang des postulants à sa fonction selon la coutume égyptienne, qui n'avait cependant pas force de loi, le pouvoir central étant libre de l'entériner ou de la contredire»¹⁷.

Quer Amennakht, na sua acusação, quer Paneb, no seu exercício do cargo, parecem ter entendido que tinham legitimidade e direito de hereditariedade em relação ao cargo de Neferhotep, irmão de um e pai adoptivo de outro¹⁸. A finalidade última das queixas apresentadas por Amennakht era, pois, remover Paneb da sua posição, reclamando o seu direito à mesma.

Neste sentido, o texto fixado no *Papiro* é uma acusação-petição, assente nos injustos e incompetentes comportamentos de Paneb ou, subentendido, na pretensa justeza de conduta e direitos de Amennakht. Temos, portanto, aqui o móbil da acusação e do próprio processo instituído a Paneb (a disputa da sucessão de Neferhotep). Há, contudo, que ser prudente na «condenação» *a priori* de Paneb e dar-lhe a «presunção da inocência» ou o «benefício da dúvida», pois «after all Amennakhte had every reason to depict Paneb in the worst possible light since he was after Paneb's job»¹⁹.

Admitindo que o «inimigo» era o usurpador Amenmés, o vizir Parâemheb mais não teria feito do que aprovar o candidato óbvio: o «filho» do falecido «chefe de equipa». A sucessão de Paneb não estaria, assim, envolta no escândalo que a versão de Amennakht pretende estabelecer.

Mesmo o presente de servidores ao vizir de Seti II não teria a coloração de suborno que Amennakht introduz no *Papiro Salt 124*, mas resultaria da própria vivência administrativa da época e da excepcionalidade da situação de Paneb: como «filho adoptivo», pode ter sentido necessidade de garantir inequivocamente a sua designação no cargo do «pai» (tanto mais que esta «sucessão hereditária» não era automática e dependia da «vontade» do poder central) e o vizir, na sequência da sua nomeação, pode ter ficado na expectativa de receber uma recompensa do nomeado, o que Paneb, zelosamente, cumpriu²⁰.

¹⁷ Vernus, Pascal, *Ob. Cit.*, p. 103.

¹⁸ Cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 253; Vernus, Pascal, *Ob. Cit.*, p. 104.

¹⁹ Briebrier, Morris L. *Ob. Cit.*, p. 51.

²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 52. É preciso reconhecer que Paneb tinha os seus motivos para pretender o acesso ao cargo: antes de mais, era neto e filho de trabalhadores da necrópole (Kasa e Nefersenet, respectivamente); depois, porque ele próprio era já «homem da equipa»; sobretudo, porque fora educado por Neferhotep, «chefe de equipa» e seu pai adoptivo, para esse posto.

A admitir, em hipótese, que a versão de suborno de Amennakht é verdadeira, o «tio adoptivo» não teria certamente deixado na época da nomeação do «sobrinho» de apresentar queixa, supostamente não atendida por Seti II, por falta de sustentação. Durante o reinado de Seti II, Paneb manteve o seu cargo, aparentemente sem qualquer embaraço por parte do poder político-judicial. Amennakht esperou cerca de vinte anos (do ano 5 de Seti II ao ano 6 de Ramsés III; de c. 1196/1195 a c. 1177 a. C.) para apresentar novamente a sua queixa, perante outro vizir, compondo desta vez um retrato com outras acusações de abuso de autoridade, de roubos, de perjúrios e de aproveitamento económico, como veremos.

As infracções de Paneb

«E quando teve lugar o funeral de todos os reis sob os quais ele serviu, eu acusei Paneb do roubo das coisas pertencentes ao rei Seti Merenptah [Seti II]. Eis a lista delas ... armazéns do rei Seti Merenptah, que foram encontrados na sua posse após o funeral.» (Recto, 1, 4-6).

É assim que o *Papiro* prossegue: Amennakht parece ter a intenção explícita de acusar Paneb de, no decurso da sua actividade, ter roubado os túmulos de todos os reis falecidos durante o período em que foi capataz. No entanto, a sequência do texto fixa-se apenas nos roubos supostamente praticados no túmulo de Seti Merenptah/Seti II, o faraó no reinado do qual, no ano 5, como dissemos, ascendera a «chefe de equipa». É provável que esta «limitação» das infracções pretenda, afinal, demonstrar a enorme ingratidão e mau carácter de Paneb que não hesitara em saquear o túmulo daquele que lhe permitira a sua ascensão socioprofissional. Simultaneamente, Amennakht «vinga-se» de Seti II, que não aceitara a sua contestação e que nunca revogara a nomeação de Paneb.

Para Pascal Vernus, este início do *Papiro Salt 124* revela as verdadeiras intenções de Amennakht: «(...) ce n'est pas inspiré par pur amour de la vertu et horreur corrélatif de la vice, mais sous le coup d'une frustration qu'il ne dissimule pas dans l'introduction de son document»²¹.

De seguida, a partir da linha 5, o *Papiro Salt 124* passa a mencionar, de forma bastante detalhada, embora com uma ou outra falha resultante da degradação material do papiro, o conjunto de delitos na opinião de Amennakht cometidos por Paneb. Podemos, assim, identificar os vários crimes de Paneb relacionados com o túmulo de Seti II e/ou com os vários aspectos do seu desregramento existencial, dividindo-os em sete categorias, a saber: 1. «Roubos», 2. «Crimes sexuais (violações ou adultério?)», 3. «Blasfémia/profanações», 4. «Violência», 5. «Suborno/corrupção», 6. «Perjúrios» e 7. «Abusos de autoridade».

²¹ Vernus, Pascal, *Ob. Cit.*, p. 102.

Vejamos de forma sistematizada a longa lista das infracções atribuídas a Paneb²²:

INFRACÇÕES DE PANEB	<i>Papiro Salt 124</i>
<p>1. Roubos</p> <p>– «... armazéns do rei Seti Merenptah, que foram encontrados na sua posse após o funeral.»</p> <p>– «ele apoderou-se da cobertura do seu carro.»</p> <p>– «... as cinco ... das portas. E encontraram quatro delas, mas ele ficou com uma. Estava na sua posse.»</p> <p>– «... e ele roubou o incenso da Enéade de deuses da necrópole e dividiu-o entre ele e os seus cúmplices.»</p> <p>– «... de óleo-inb do Faraó e roubou os seus vinhos...»</p> <p>– «e roubaram uma estátua real contendo o nome de Seti Merenptah...»</p> <p>– «Queixa relativa ao facto de que ele pôs os homens de equipa a talhar pedras por cima do túmulo de Seti Merenptah – os quais as transportavam para o seu túmulo todos os dias – e que erigiu quatro colunas no seu túmulo com essas pedras, roubando-as do Lugar do Faraó.»</p> <p>– « ... tendo depois descido ao túmulo do capataz/chefe de equipa Nakhtmin e roubado a cama em que ele jazia. Apoderou-se dos bens que se outorgam a um homem quando morre e roubou-os.»</p> <p>– «Queixa relativa ao facto de que ele roubou uma grande picareta destinada a partir pedra e que, quando lhe disseram: “não a encontramos”, passaram um mês a procurá-la, ele trouxe-a e deitou-a para trás de uma grande pedra.»</p> <p>– «Queixa relativa ao facto de ele ter ido ao enterramento de Henutmiré, de aí ter roubado um ganso... Foi (...) na sua casa que ele foi encontrado.»</p>	<p>Recto, 1, 6</p> <p>Recto, 1, 7</p> <p>Recto, 1, 9</p> <p>Recto, 1, 10</p> <p>Recto, 1, 11</p> <p>Recto, 1, 14</p> <p>Recto, 2, 5-7</p> <p>Verso, 1, 2, 3</p> <p>Verso, 1, 9, 10</p> <p>Verso, 1, 11, 12</p>

²² O estabelecimento destas categorias e a organização interna das infracções são nossos.

2. Crimes sexuais (violações ou adultério?)

- «*[Queixa relativa ao facto de que ele privou liemu]ay das suas vestes, deitou-a sobre o muro e violou-a.*» Recto, 1, 19
- «*"Paneb teve relações sexuais com a cidadã Tuy, esposa do homem de equipa Qenna.*» Recto, 2, 2
- «*Teve relações sexuais com a cidadã Hol, companheira de Pendua.*» Recto, 2, 2
- «*Teve relações sexuais com a cidadã Hol, companheira de Hesunebef.*» Recto, 2, 3
- «*E ao mesmo tempo em que mantinha relações sexuais com Hol tinha também relações sexuais com Ubekhet, filha desta, e o seu filho Aapehty tinha também relações sexuais com Ubekhet.*» Recto, 2, 4

3. Blasfémia

- «*e sentou-se sobre o sarcófago do faraó, apesar de ele estar sepultado.*» Recto, 1, 11, 12
- «*[Queixa relativa ao facto de que...] no templo de Hathor e o escriba Kenherkhepechef confirma o que ele fez no templo de Ptah...*» Recto, 1, 14
- «*E ele escavou o solo que estava interdito no lugar que estava escondido.*» Recto, 1, 14
- «*[Queixa relativa ao facto de que ele] foi a três túmulos e penetrou neles, apesar de eles não lhe pertencerem, acompanhado pelos homens da equipa Qenna.*» Recto, 1, 17
- «*[Queixa relativa ao facto de que ele] violou um túmulo a ocidente da necrópole real, apesar de ele ter uma estela de identificação...*» Verso, 1,1

4. Violência

- «*[Queixa relativa ao facto de que ele] se encolerizou contra o homem da equipa Nebnefer, filho de Pennebu, dizendo: "Traz a mecha"...*» Recto 1, 20
- «*Queixa relativa ao facto de que ele perseguiu o capataz/chefe de equipa Neferhotep, meu irmão, que fora quem o formara, e que lhe fechou as suas portas que ele arrombou com uma pedra, pondo as pessoas a velar por Neferhotep, pois ele dizia: "Vou matá-lo durante a noite", tendo agredido nove homens nessa noite.*» Recto 2, 14-16

<p>– «Queixa relativa ao facto de que ele disse ao capataz/chefe de equipa Hay: “Vou atacar-te na montanha/no deserto e vou matar-te”».</p> <p>– «Queixa relativa ao facto de que ele agrediu várias vezes os homens da equipa aquando de uma reunião nocturna, pondo-se a caminhar no topo dos muros e a lançar pedras sobre as pessoas.»</p> <p>– «E quando as pessoas iam fazer a oferenda [ao lado] ... tinham medo dele e ele começava a atirar pedras aos servidores da aldeia.»</p>	<p>Recto 2, 21</p> <p>Verso, 1, 4, 5</p> <p>Verso, 1, 16, 17</p>
<p>5. Suborno/corrupção</p> <p>– «[Queixa relativa ao facto de que...] Paneb subornou o escriba Kenherkhepechef e que este o livrou de apuros.»</p>	<p>Recto 1, 18</p>
<p>6. Perjúrios</p> <p>– «[Queixa relativa ao facto de que...] ele prestou juramento nestes termos: “Eu não derrubarei qualquer pedra junto do Lugar do Faraó.”»</p> <p>– «Queixa relativa ao facto de que ele fez uma declaração sob juramento pelo seu Senhor nestes termos: “Que se o Vizir ouvir o meu nome, eu seja destituído do meu cargo e colocado de novo como simples pedreiro”; assim disse ele. O seu filho fez o mesmo, acrescentando: “Que eu seja destituído e não permaneça mais na empresa da necrópole real.” Mas vejamos, ele não abandonou absolutamente as suas fanfarronices.»</p> <p>– « (...) e ter feito uma declaração pelo seu Senhor a este propósito nestes termos: “Não o tenho.” Foi, porém, na sua casa que ele foi encontrado.»</p> <p>– «Queixa relativa ao facto de que ele me fez renunciar a aproximar-me do <i>lꜥnw</i> [capela] da minha mãe e do meu pai, dizendo-me: “Eu não entrarei aí”; depois fez que viesse o homem da equipa Pached e este pôs-se a gritar na aldeia “Ninguém vê ninguém da família do capataz/chefe de equipa Nebnefer fazendo oferendas a Amon, o seu deus.”»</p>	<p>Recto 1, 16</p> <p>Verso, 1, 6-8</p> <p>Verso, 1, 12</p> <p>Verso, 1, 13-16</p>

7. Abusos de autoridade

<p>– «Por fim, ele transportou as picaretas do Faraó e o alvião para trabalhar no seu túmulo.»</p>	<p>Recto 2, 8, 9</p>
<p>– «Queixa relativa ao facto de que ele se apoderou do grande cinzel que era usado no trabalho e que o quebrou no seu túmulo.»</p>	<p>Recto, 2, 13</p>
<p>– «Queixa relativa ao facto de que ele colocou trabalhadores a fabricar uma cama entrançada para o substituto do Domínio de Amon, enquanto as suas mulheres lhe teciam vestes, e que ele pôs Nebnefer, filho de Uadjmés, a cevar o seu boi diariamente durante dois meses.»</p>	<p>Recto 2, 19, 20</p>

Em nossa opinião, nesta lista das transgressões de Paneb merecem destaque alguns aspectos interessantes:

- por um lado, o facto de o infractor deixar que outros, inocentes, sejam considerados culpados pelos seus crimes (ex. Recto, 1, 7, 8: «... e ele apoderou-se da cobertura do seu carro. Cortaram a mão de ... o escriba, pensando que ele se apoderara dele no funeral»). Alguém pagara por um crime que não cometera, enquanto Paneb ficara impune;
- por outro, o recurso constante à mentira, à dissimulação e ao falso juramento (perjúrio) quando apanhado em falso, sem qualquer tipo de receio em relação às consequências desses comportamentos (perda de cargo e retorno à situação de mero operário) e à persistência neles, o que pressupõe um estado de quase total disfunção das instituições que permitia uma tão incómoda impunidade. O recurso ao suborno/corrupção, às ameaças de morte ou à violência/agressão física e psicológica é, neste sentido, uma decorrência normal de uma conduta globalmente desregrada e impune. Merecem destaque as ameaças de morte a dois «chefes de equipa»: Neferhotep, «chefe da equipa do lado direito» (Recto, 2, 16), e Hay, «chefe da equipa do lado esquerdo» (Recto, 2, 21). Há uma quase insanidade associada às acções de Paneb, tal como Amennakht nota: «Ele parecia são de espírito quando, no fundo, agia como um louco» (Verso, 2, 2, 3);
- por outro lado ainda, o abuso de autoridade sobre as propriedades de outrem, sejam os particulares (caso dos casos ilícitos com *iw.s m hmt n*, «mulher de», ou com *iw.s*

m-di, mulher «vivendo com» companheiros²³, da cama roubada de um túmulo particular, da utilização do trabalho público alheio para fins privados: construção do seu túmulo, fabrico de uma cama, produção de vestuário, engorda de um boi²⁴), sejam das ferramentas usadas no trabalho diário (picaretas, alviões, cinzéis) que eram pertença do próprio Faraó/Estado²⁵, sejam os próprios túmulos e sarcófagos, de particulares-membros da equipa ou de Faraós (com apropriação indevida de bens²⁶, entradas

²³ O tipo de coabitação a que Christianne Desroches-Noblecourt chama «union libre» (Desroches-Noblecourt, Christianne, *La Femme au temps des Pharaons*, Paris, Stoch/Laurence Pernoud, 1986, p. 284). São mencionados cinco casos, mas que podem envolver apenas quatro mulheres, uma vez que é possível que a «cidadã Hol» mencionada como companheira de Pendua e como companheira de Hesunebef seja a mesma (cf. G. McDowell, Andrea, *Ob. Cit.*, p. 47). Embora sobre quatro das «violações» atribuídas a Paneb nada seja dito sobre a «concordância» ou «colaboração» das mulheres envolvidas, é de admitir que tais situações tenham resultado de alguma forma de assédio sexual, perante a posição superior ocupada pelo «chefe de equipa» em relação aos maridos/companheiros das agredidas. Pascal Vernus vai, contudo, um pouco mais longe e afirma peremptoriamente: «Dans tous ces cas, les dames paraissent avoir été consentantes»... (Pascal Vernus, «Les vies édifiantes de deux personnages illustres de Deir el-Médineh. Le chef d'équipe Paneb», p. 66). Seja como for, tratar-se-ia, em todos os casos, de um abuso de propriedade. No caso de liemuay, a descrição sugere um estupro: «*ele privou liemuay das suas vestes, deitou-a sobre o muro e violou-a*» (Recto, 1, 19). De salientar que ao mesmo tempo do envolvimento sexual com Hol (esposa do seu irmão de adopção Hesunebef), Paneb mantinha relações sexuais com a filha dela e de Hesunebef, Ubekhet (Recto, 2, 4). «Cunhada» e «sobrinha» não escaparam ao «apetite sexual» imoral de Paneb. A estela Manchester 4588 e um tecido da colecção de Washington, atestam que Hol e Ubekhet eram mulher e filha de Hesunebef (cf. Vernus, Pascal, *Affaires...*, p. 222, nota 47). De salientar também que neste caso de crime sexual (o que envolve Ubekhet) está implicado igualmente o seu filho mais velho, Aapehty (Recto, 2, 4). No entanto, Ubekhet não ficaria «marcada» pelo sucedido e viria a desposar o futuro «chefe de equipa» Nekhemmut.

²⁴ Estes comportamentos não são, porém, totalmente anormais, embora possam ser considerados claramente excessivos: «Il semble en outre avoir abuse du droit qu'avaient les chefs d'équipe d'employer à leur service certains ouvriers.» (Grandet, Pierre, «Papyrus: les exactions du chef d'équipe Paneb», Andreu, Guillemette (ed.), *Les Artistes de Pharaon. Deir el-Médineh et la Vallée des Rois*, Paris, Réunion des Musées Nationaux/Brepols, 2002, p. 208). Vide também a lista de «irregularidades» no uso da força de trabalho pública em benefício próprio por Paneb em Vernus, Pascal, *Affaires...*, pp. 112-114. É bastante conhecido neste aspecto do uso da força de trabalho para fins pessoais o caso do escriba Kenherkhepechef (cf. Briebrier, Morris L., *Ob. Cit.*, pp. 51, 52; Vernus, Pascal, «Les vies édifiantes de deux personnages illustres de Deir el-Médineh. Le chef d'équipe Paneb», p. 65; *Id.*, «Les vies édifiantes de deux personnages illustres de Deir el-Médineh. Le scribe Qenherkhepeshef», *Ob. Cit.*, pp. 59, 60; *Id.*, *Affaires...*, p. 114). Aliás, é este escriba, de ética muito duvidosa, que o *Papiro Salt 124* menciona como aceitando também das mãos de Paneb uma «oferta» para o livrar de apuros (Recto, 1, 18). Para Pascal Vernus, a «oferta» foi «un pot de vin» (*Id.*, «Les vies édifiantes de deux personnages illustres de Deir el-Médineh. Le chef d'équipe Paneb», p. 60). Assim se ganhava o favor e/ou o silêncio das autoridades...

²⁵ O cobre e o bronze de que eram feitas estas ferramentas eram, com efeito, matérias-primas muito preciosas, e muitos artesãos não resistiam à tentação de os usar em proveito próprio (cf. *Ibid.*, p. 59). A metalurgia do ferro não se havia ainda espalhado.

²⁶ O roubo de uma estátua contendo o nome real de Seti II (Recto, 1, 13) com a intenção de a colocar como decoração no seu próprio túmulo é, em certo sentido, a mais ousada das «façanhas» de Paneb.

ilícitas, profanadoras, nesses túmulos e comportamentos inapropriados, blasfemos, no seu interior²⁷). Tudo feito de forma voluntária e consciente;

- finalmente, o desrespeito completo pela propriedade alheia é acompanhado por declarações de inocência que não resistiam às provas materiais das infracções (por exemplo, o caso do roubo das portas²⁸; caso do roubo de pedras talhadas do túmulo real²⁹; caso do roubo de um ganso no funeral de Henutmiré³⁰) ou até às declarações dos seus mais próximos «colaboradores» (o caso mais significativo é a denúncia do seu próprio filho, Aapehty, cúmplice em muitos dos desvios do pai, mas perfeitamente exasperado com as suas amorais pulsões sexuais: «*Queixa relativa ao seguinte: o seu filho fugiu diante dele até ao lugar dos porteiros e pronunciou uma declaração sob juramento pelo Senhor nestes termos: “Não quero mais encobri-lo”*»³¹).

Uma outra evidência interessante é o facto de no *Papiro Salt 124* se mencionarem três vizires: o vizir Parêmhheb, o vizir Amenmés e o vizir Hori. Vejamos essas passagens:

«e apesar de eu ser seu irmão, Paneb deu cinco servidores de meu pai a Parêmhheb, que era então Vizir» (Recto, 1, 3).

«O capataz/chefe de equipa Neferhotep denunciou-o ao Vizir Amenmés e este mandou puni-lo, mas ele denunciou o Vizir a Mesy (= o faraó usurpador Amenmés) e este destituiu-o do seu cargo de Vizir pela acusação “Ele agrediu-me”» (Recto, 2, 17, 18).

«Queixa relativa ao facto de que ele fez uma declaração sob juramento pelo seu Senhor nestes termos: “Que se o Vizir ouvir o meu nome, eu seja destituído do meu cargo e colocado de novo como simples pedreiro”, assim disse ele.» (Verso, 1, 6).

«Vede, eu quero que o Vizir seja informado da sua conduta.» (Verso, 2, 6, 7).

²⁷ Exemplo: «(...) do Faraó roubou os seus vinhos e sentou-se sobre o sarcófago do faraó, apesar de ele estar enterrado» (Recto, 1, 11, 12) – parece estar subentendido que Paneb terá bebido (só?...) sobre o sarcófago do faraó. A profanação de túmulos é designada na documentação de Deir el-Medina como *w3h is.t*, «inserir-se numa cavidade» ou *w is*, «empreender a profanação de um túmulo».

²⁸ Recto, 1, 9.

²⁹ Recto, 2, 5-7.

³⁰ Verso, 1, 11, 12. Tratar-se-ia de um ganso destinado à oferta fúnebre ou usado na cerimónia a que Paneb assistiu (mumificado ou um modelo de madeira, eventualmente com um revestimento de folha de ouro), não um ganso vivo.

³¹ Recto, 2, 1. Os porteiros guardavam a entrada nos túmulos, impedindo o acesso indevido, quais polícias. As relações entre Paneb e Aapehty foram tensas e, a julgar por uma referência numa óstraca, podem ter chegado, por vezes, a «vias de facto»: «L’an 1, le deuxième mois de la saison de l’inondation, le quinzième jour... Aapehty fut molesté» (OCGC 25517, Recto, 3-6 – Cf. *Id.*, *Affaires...*, p. 221, nota 39).

A passagem Recto, 2, 17, 18 aplica-se, portanto, ao vizir Amenmés. Amenmés terá exercido o seu cargo a partir do ano 8 de Merenptah e, segundo o *Papiro*, terá sido destituído devido ao plano de denúncia urdido contra ele por Paneb. Se acompanharmos a leitura das linhas anteriores do *Papiro* (Recto, 2, 14-16), entendemos que a queixa apresentada a Amenmés contra Paneb fora feita pelo próprio pai adoptivo, Neferhotep, face a uma violenta discussão ocorrida entre os dois:

«Queixa relativa ao facto de que ele perseguiu o capataz/chefe de equipa Neferhotep, meu irmão, que fora quem o formara, e que lhe fechou as suas portas que ele arrombou com uma pedra, pondo as pessoas a velar por Neferhotep, pois ele dizia: “Vou matá-lo durante a noite”, tendo agredido nove homens nessa noite.»

O incidente parece permitir a reconstituição dos seguintes contornos: consumido pela fúria da discussão, Paneb perseguiu o pai adoptivo através da aldeia, até sua casa, vociferando imprecizações de morte e destruindo-lhe a porta de casa. Em consequência da violência de comportamento demonstrada por Paneb, um grupo de homens teve de ficar de guarda durante a noite junto à casa de Neferhotep para o proteger. Paneb virou então a sua fúria contra eles e, segundo Amennakht, agrediu «nove homens nessa noite».

Desta feita, Paneb fora longe de mais. Em lugar de se queixar à assembleia da aldeia, constituída pelos dois capatazes, pelos escribas e outros notáveis, Neferhotep tomou a decisão excepcional de denunciar Paneb ao vizir do faraó que o deteve. De modo ainda mais surpreendente, de modo a evitar a sentença deste último (certamente mais íntegro e avesso à corrupção), uma severa aplicação de chibatadas ou uma pena de trabalhos forçados, Paneb montou um contra-ataque temerário: enquanto o vizir, funcionário máximo a seguir ao faraó³², apreciava as acusações de Neferhotep, ele apresentou ao próprio faraó uma queixa contra o vizir.

Mais uma vez, extraordinariamente, a sorte favoreceu Paneb. A intriga palaciana que levava o faraó usurpador Amenmés ao trono beneficiou-o, pois este faraó, desejoso de favorecer o seu séquito com um apetecido cargo, não hesitou em aproveitar o pretexto fornecido por Paneb para destituir o vizir em exercício.

A acusação de Paneb contra o vizir deveria ser grave, sugerindo eventualmente alguma frouxidão na supervisão que ele levava a cabo sobre os túmulos reais. De qualquer forma, Paneb, o «trabalhador» (*rmT-is-t*) conseguiu com a sua influência, suborno ou esperteza resistir às acusações de Neferhotep, seu pai adoptivo, e conseguiu que a destituição do

³² Cf. Sales, José das Candeias, «Vizir» In Luís Manuel de Araújo (dir.), *Dicionário do Antigo Egipto*, Lisboa, Editorial Caminho, 2001, pp. 871-873.

funcionário máximo do país se realizasse antes que este pudesse tomar medidas contra si. Um *rmꜥ-is-t* que demite um *ḫty*. Sem dúvida um facto extraordinário.

A referência ao vizir Parâemheb (Recto, 1, 3) significa que este iniciou o seu mandato já após a morte de Neferhotep (o mais tardar também no ano 5 de Seti II) e desempenhou-o até pelo menos aos primeiros anos de Siptah³³. Na versão de Amennakht, tal como «dominara» o vizir Amenmés, Paneb conseguiu «dominar», através do suborno («cinco servidores» pertencentes a Nebnefer), o novo vizir. A outra passagem do *Papiro Salt 124* que se refere a Parâemheb é a Verso, 1, 6³⁴.

A Parâemheb sucedeu o vizir a quem se dirige a petição-queixa-carta de Amennakht, ou seja, Hori (Verso, 2, 6), já no reinado de Ramsés III, o terceiro vizir mencionado no *Papiro*³⁵.

Além dos faraós, dos vizires e dos familiares de Amennakht (Nebnefer e Neferhotep), o *Papiro* dá-nos o nome de uma série de «trabalhadores» das necrópoles reais de Tebas ocidental. São eles, por ordem alfabética, Aanakht (Recto 2, 12)³⁶; Aapehty (Recto, 2, 4 e 10); Hay (Recto, 2, 21); Hesunebef (Recto, 2,3); Horemuia (Recto, 2, 10); Horemuia, filho de Baki (Recto, 2, 11); Kasa (Recto, 2, 10); Kasa, filho de Ramose (Recto, 2, 10); Khonsu (Recto, 2, 12); Kenherkhepechef (Recto, 1, 14, 18 e 2, 10); Nakhtmin (Recto, 2, 11); Nakhtmin (Recto, 2, 12); Nakhtmin (Verso, 1, 2)³⁷; Nebnakht (Recto, 2, 11); Nebnefer, filho de Pennebu (Recto, 1, 20); Nebnefer, filho de Uadjmés (Recto 2, 20); Nebsemen (Recto, 2, 11); Pached (Verso, 1, 13-16); Pached, filho de Heh (Recto 2, 11); Paiom (Recto 2, 12); Pendua (Recto 2, 2); Qenna (Recto, 1, 17 e 2, 2); Româ (Recto, 2, 11); Unnefer (Recto 2, 12). No total, mencionam-se 24 «trabalhadores», muitos deles confirmados por outras fontes contemporâneas³⁸.

No *Papiro* são também mencionadas cinco mulheres: Iemuay (Recto, 1, 19); Tuy (Recto, 2, 2); Hol, companheira de Pendua (Recto, 2, 2); Hol, companheira de Hesysunebef (Recto, 2, 3)³⁹

³³ É justamente no ano 2 do faraó Siptah (1193-1187 a. C.) que desaparecem todas as referências a Paneb na documentação de Deir el-Medina.

³⁴ Cf. Winand, Jean, *Ob. Cit.*, p. 111.

³⁵ Cf. *Ibid.*, p. 111.

³⁶ Como se referiu atrás, segundo alguns autores, depois da «queda» de Paneb, seria este «trabalhador» a assumir o cargo de Paneb (cf. Strudwick, Nigel & Helen, *Ob. Cit.*, p. 191).

³⁷ Pela contagem mencionada no *Papiro* («Total: 16» – Recto 2, 12), as duas referências a Nakhtmin (Recto 2, 11 e 12) não se aplicam à mesma personagem; são duas pessoas diferentes. O «Nakhtmin» da referência Verso, 1, 2 é um terceiro homónimo.

³⁸ Cf. Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, p. 257.

³⁹ Como já se mencionou, é possível que a «cidadã Hol», mencionada como companheira de Pendua e como companheira de Hesunebef, seja a mesma personagem, como defende A. G. McDowell. Paneb teria, assim, mantido relações sexuais com ela quando era companheira de Pendua e depois quando se tornou companheira de Hesunebef (McDowell, A. G., *Ob. Cit.*, p. 47). Hesunebef era o irmão de adopção de Paneb (*vide* notas 15 e 23) e, como consta na óstraca hierática de calcário UC19614 do Petrie Museum, proveniente de Deir el-Medina (23 cm de altura por 16 cm de largura), viria a divorciar-se de

e Ubekhet, filha de Hol (Recto, 2, 4) – as cinco mulheres (casadas⁴⁰ ou que coabitavam com outros homens) com quem Paneb manteve relações sexuais (*nk*, «copular») e que lhe valeram, segundo o *Papiro*, a acusação de violação por parte do seu tio adoptivo⁴¹. A outra mulher que se menciona no *Papiro Salt 124*, Henutmiré (Verso, 1, 11), que não se consegue determinar com exactidão se se trata da filha de Seti I ou de Ramsés II, figura apenas a propósito do roubo praticado por Paneb quando foi ao seu funeral.

Conclusão

A partir do ano 2 de Siptah desaparecem as referências a Paneb na documentação de Deir el-Medina. No entanto, como a documentação a partir deste período é escassa, é possível que tenha mantido o seu cargo até ao início do reinado de Ramsés III⁴². Não há, porém, dúvidas de que foi removido do cargo por má conduta e substituído por outro capataz do «lado direito».

A utilização de materiais do túmulo de Seti II para a construção do seu próprio túmulo e a pilhagem sacrílega do túmulo real, aproveitando certamente uma certa antipatia de Siptah pelo seu predecessor, estão entre os crimes (sobretudo o primeiro) que efectivamente geraram a ira da Administração e o condenaram.

Muitos dos outros crimes, embora não o reabilitem, podem ser entendidos e explicados à luz de comportamentos similares (menos intensos ou ostentatórios) demonstrados por outros homens ilustres do seu tempo. O seu deplorável e condenável comportamento não era, todavia, pior do que o destes seus «colegas». A «crise de valores» manifestava-se por todo o lado. Espoliar os túmulos reais de uma forma cínica e amoral parece ter sido realmente o seu excesso.

Hol no segundo ano do reinado de Setnakht (1186/1185-1183/1182 a. C.) – cf. <http://xy2.org/lenka/Petriehieraticostraka.html> (26.08.2009; 17.36 horas). É de admitir que este divórcio tenha alguma relação com o adultério/infidelidade de Hol – Paneb (Cf. Vernus, Pascal, *Ob. Cit.*, p. 222, nota 46; Desroches-Noblecourt, Christianne *Ob. Cit.*, p. 284; G. McDowell, Andrea, *Ob. Cit.*, p. 43; Meskell, Lynn, *Vies privées des égyptiens. Nouvel Empire (1539-1075)*, Paris, Éditions Autrement, 2002, p. 121).

⁴⁰ De uma maneira geral, as mulheres casadas eram designadas por *nbt-pr*, *nebet per*, «senhora da casa». As mulheres casadas não deviam ter casos amoroso-sexuais com outros homens além do marido, quer aqueles fossem casados ou solteiros, uma vez que esse era um dos princípios de repúdio/divórcio por parte do marido (cf. Pinto, Clara, *A Mulher e o Amor no Egipto Antigo*, Lisboa, Campo da Comunicação, 2007, p. 91).

⁴¹ Consideram os actos de Paneb como violação, Meskell, L., *Ob. Cit.*, pp. 103, 104; Valbelle, Dominique, *Les Ouvriers de la tombe: Deir el-Médineh à l'époque Ramesside*, Cairo, IFAO, 1985, p. 183; Toivari-Viitala, Jaana, «Man versus woman. Interpersonal disputes in the workmen's community of Deir el-Medina», *Journal of the Economic and Social History of the Orient* 15, 1997, p. 172.

⁴² Cf. Briebrier, M. L., *Ob. Cit.*, p. 53.

A condená-lo sobremaneira aos nossos olhos está a denúncia parcial e interessada do seu inalterado e arqui-rival Amennakht no *Papiro Salt 124*. Aí Paneb fica positivamente desgraçado, juntamente com alguns dos seus familiares e acólitos. Amennakht, mau grado os seus altissonantes protestos, nunca alcançou o ambicionado cargo de «chefe de equipa».

Como diz Pascal Vernus: «*Sa biographie [de Paneb] illustre de manière exemplaire combien la nature des sources peut biaiser le travail de l'historien*»⁴³; pelas estelas erguidas pelos seus familiares ou por si próprio, em que surge representado e evocado em adoração à deusa Meretseger, vemo-lo como um homem íntegro, digno, exemplar, sereno e respeitador; pelo inventário de denúncias em estilo administrativo posto na boca de Amennakht e apresentado no *Papiro Salt 124*, surge-nos um crápula, uma personagem bruta, velhaca, adúltera, colérica, abusadora, ignóbil; pelo interesse manifesto do denunciante na despromoção/condenação de Paneb e, em contraponto, na sua própria promoção, logo sem qualquer imparcialidade credível que, por isso, põe em causa a veracidade das suas carregadas e deformadas queixas (pelo menos de algumas⁴⁴) – «*C'est la frustration plus que l'amour désintéressé de la justice qui anime Amennakhte*»⁴⁵ –, emerge um Paneb algo «deformado», caluniado, quiçá injustiçado num ou noutro aspecto e a necessitar de alguma «reabilitação».

Tradução do *Papiro Salt 124 (BM 10055)*⁴⁶

Recto, página 1 (21 linhas)

1. Declaração do homem da equipa Amennakht: Eu sou filho de Nebnefer, capataz/ chefe de equipa dos trabalhadores. O meu pai morreu
2. e o chefe dos trabalhadores Neferhotep, meu irmão, foi colocado no seu lugar. E o inimigo matou Neferhotep
3. e apesar de eu ser seu irmão, Paneb deu cinco servidores de meu pai a Parêemheb, que era então Vizir
4. ... e ele pôs Paneb no lugar do meu pai, apesar de, realmente, esse não ser o seu lugar. E quando teve lugar o funeral de todos os reis sob os quais ele serviu,

⁴³ Vernus, Pascal, «Les viés édifiantes de deux personnages illustres de Deir el-Médineh. Le chef d'équipe Paneb», p. 65.

⁴⁴ Não podemos ignorar que outras são confirmadas por outras fontes.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 68.

⁴⁶ A tradução que apresentamos foi feita com base na proposta, em inglês, publicada por Černý, Jaroslav, *Ob. Cit.*, pp. 244-246, e na tradução francesa de Guillemette Andreu (ed.), *Les Artistes de Pharaon. Deir el-Médineh et la Vallée des Rois*, Paris, Réunion des Musées Nationaux/ Brepols, 2002, pp. 318, 319 [Papyrus: les exactions di chef d'équipe Paneb].

5. eu acusei Paneb do roubo das coisas pertencentes ao rei Seti Merenptah [Seti II]. Eis a lista delas
6. ... armazéns do rei Seti Merenptah, que foram encontrados na sua posse após o funeral.
7. ... e ele apoderou-se da cobertura do seu carro. Cortaram a mão de ...
8. o escriba, pensando que ele se apoderara dele no funeral.
9. ... as cinco ... das portas. E encontraram quatro delas, mas ele ficou com uma. Estava na sua posse.
10. ... e ele roubou o incenso da Enéade de deuses da necrópole e dividiu-o entre ele e os seus cúmplices.
11. ... de óleo-*inb* do Faraó e roubou os seus vinhos e sentou-se sobre
12. o sarcófago do faraó, apesar de ele estar sepultado.
13. e roubaram uma estátua real contendo o nome de Seti Merenptah e foram-se embora e foram vistos
14. [Queixa⁴⁷ relativa ao facto de que...] no templo de Hathor⁴⁸ e o escriba Kenherkhepechef registou por escrito o que ele fez no templo de Ptah⁴⁹ e Paneb
15. ... o capataz/chefe de equipa Neferhotep. E ele escavou o solo que estava interdito no Lugar que estava escondido.
16. [Queixa relativa ao facto de que...] ele prestou juramento⁵⁰ nestes termos: “Eu não derrubarei qualquer pedra junto do Lugar do Faraó.”
17. [Queixa relativa ao facto de que ele] foi a três túmulos e penetrou neles, apesar de eles não lhe pertencerem, acompanhado pelos homens da equipa Qenna.
18. [Queixa relativa ao facto de que...] Paneb subornou⁵¹ o escriba Kenherkhepechef e que este o livrou de apuros.
19. [Queixa relativa ao facto de que ele privou liemu]ay das suas vestes, deitou-a sobre o muro e violou-a.
20. [Queixa relativa ao facto de que ele] se encolerizou contra o homem da equipa Nebnefer, filho de Pennebu, dizendo: “Traz a mecha”...
21. pescadores... e ele...

⁴⁷ O termo usado – *sh3 r* – é o termo habitual para designar um facto mencionado como parte de uma queixa (cf. Vernus, Pascal, *Ob. Cit.*, p. 220, nota 12 e p. 225, nota 6; Winand, Jean, *Ob. Cit.*, p. 110).

⁴⁸ Provavelmente o templo de Hathor, em Deir el-Medina.

⁴⁹ Talvez o templo de Ptah, no Vale das Rainhas. A passagem pode ter duas interpretações: o escriba Kenherkhepechef registou por escrito uma falta cometida por Paneb no templo de Ptah ou um acto piedoso (talvez uma oferenda). Pascal Vernus prefere a segunda hipótese (cf. *Ibid.*, p. 220, nota 25).

⁵⁰ *sdf3 tr.*

⁵¹ O termo usado é *nk.t*, «coisa, bem» (cf. *Ibid.*, pp. 246, 258).

Recto, página 2 (22 linhas)

1. Queixa relativa ao seguinte: o seu filho fugiu diante dele até ao lugar dos porteiros e pronunciou uma declaração sob juramento pelo Senhor nestes termos: “Não quero mais encobri-lo” e ele acrescentou:
2. “Paneb teve relações sexuais com a cidadã⁵² Tuy, esposa do homem de equipa Qenna. Teve relações sexuais com a cidadã Hol, companheira de Pendua.
3. Teve relações sexuais com a cidadã Hol, companheira de Hesunebef”, assim disse o seu filho. E ao mesmo tempo em que mantinha relações sexuais com Hol tinha
4. também relações sexuais com Ubekhet, filha desta, e o seu filho Aapehty tinha também relações sexuais com Ubekhet.
5. Queixa relativa ao facto de que ele pôs os homens de equipa a talhar pedras por cima do túmulo de Seti Merenptah – os quais
6. as transportavam para o seu túmulo todos os dias – e que erigiu quatro colunas no seu túmulo com essas pedras,
7. roubando-as do Lugar do Faraó⁵³. Foi justamente quando estavam a trabalhar em cima do túmulo do Faraó que as pessoas que passavam na montanha/no deserto viram
8. os pedreiros e ouviram vozes. Por fim, ele
9. transportou as picaretas do Faraó e o alvião para trabalhar no seu túmulo. Lista
10. dos pedreiros que trabalhavam para ele: Aapehty; Kasa; Kasa, filho de Ramose; Horemuia; Kenherkhepechef;
11. Româ; Pached, filho de Heh; Nebnakht; Nakhtmin; Nebsemen; Horemuia, filho de Baki;
12. Khonsu; Nakhtmin; Paiom; Unnefer; Aanakht. Total: 16.
13. Queixa relativa ao facto de que ele se apoderou do grande cinzel que era usado no trabalho e que o quebrou no seu túmulo.
14. Queixa relativa ao facto de que ele perseguiu o capataz/chefe de equipa Neferhotep, meu irmão, que fora quem o formara, e que lhe fechou as suas
15. portas que ele arrombou com uma pedra, pondo as
16. pessoas a velar por Neferhotep, pois ele dizia: “Vou matá-lo durante a noite”, tendo agredido nove homens nessa noite.
17. O capataz/chefe de equipa Neferhotep denunciou-o ao Vizir Amenmés e este mandou puni-lo, mas ele denunciou o Vizir
18. a Mesy (= o faraó usurpador Amenmés) e este destituiu-o do seu cargo de Vizir pela acusação “Ele agrediu-me”.

⁵² A expressão original é *ḥnḥ-n-niwt*, «aquela que vive na cidade, cidadã».

⁵³ A necrópole real, *s.t Pr 3*.

19. Queixa relativa ao facto de que ele colocou trabalhadores a fabricar uma cama entrançada para o substituto do Domínio de Amon⁵⁴, enquanto as suas mulheres
20. lhe teciam vestes e que ele pôs Nebnefer, filho de Uadjmés, a cevar o seu boi diariamente durante dois meses.
21. Queixa relativa ao facto de que ele disse ao capataz/chefe de equipa Hay: “Vou atacar-te na montanha/no deserto e vou matar-te.”
22. Queixa relativa ao facto de que ele... que estava entre eles... E ele...

Verso, página 1 (17 linhas)

1. [Queixa relativa ao facto de que ele] violou um túmulo a ocidente da necrópole real, apesar de ele ter uma estela de identificação,
2. tendo depois descido ao túmulo do capataz/chefe de equipa Nakhtmin e roubado a cama
3. em que ele jazia. Apoderou-se dos bens que se outorgam a um homem quando morre e roubou-os.
4. Queixa relativa ao facto de que ele agrediu várias vezes os homens da equipa aquando de uma reunião nocturna,
5. pondo-se a caminhar no topo dos muros e a lançar pedras sobre as pessoas⁵⁵.
6. Queixa relativa ao facto de que ele fez uma declaração sob juramento pelo seu Senhor nestes termos: “Que se o Vizir ouvir o meu nome, eu seja destituído
7. do meu cargo e colocado de novo como simples pedreiro”, assim disse ele. O seu filho fez o mesmo, acrescentando: “Que eu seja destituído e
8. não permaneça mais na empresa da necrópole real.” Mas vejam, ele não abandonou absolutamente as suas fanfarronices.
9. Queixa relativa ao facto de que ele roubou uma grande picareta destinada a partir pedra e que, quando lhe disseram: “não a encontramos”, passaram
10. um mês a procurá-la, ele trouxe-a e deitou-a para trás de uma grande pedra.
11. Queixa relativa ao facto de ele ter ido ao enterramento de Henuimir⁵⁶,
12. de aí ter roubado um ganso e ter feito uma declaração pelo seu Senhor a este propósito nestes termos: “Não o tenho.” Foi, porém, na sua casa que ele foi encontrado.

⁵⁴ Não se percebe se a cama se destinava ao substituto de Amon se ao próprio Paneb.

⁵⁵ Esta descrição sugere que Paneb se embriagara durante essa «reunião (= festa) nocturna e que, dando azo ao seu mau carácter, se comportara de forma desabrida e criticável.

⁵⁶ Uma filha de Seti I ou de Ramsés II?

13. Queixa relativa ao facto de que ele me fez renunciar a aproximar-me do *hnmw* (capela) da minha mãe e do meu pai
14. dizendo-me: “Eu não entrarei aí”; depois fez que viesse o homem da equipa Pached e este pôs-se a gritar
15. na aldeia “Ninguém vê ninguém da família do capataz /chefe de equipa Nebnefer
16. fazendo oferendas a Amon, o seu deus.” E quando as pessoas iam fazer a oferenda
17. [ao lado] ... tinham medo dele e ele começava a atirar pedras aos servidores da aldeia.

Verso, página 2 (7 linhas)

1. Ora não são coisas dignas desta função.
2. Ele parecia são de espírito
3. quando, no fundo, agia como um louco
4. e matava as pessoas
5. para as impedir de enviar uma mensagem ao Faraó.
6. Vede, eu quero que o Vizir seja informado
7. da sua conduta.

Anexo

Esquema genealógico



Figuras



Fig. 1. A Estela de Paneb EA 272
(in <http://xy2.org/sitebuilder/images/EA272>).



Fig. 2. A Estela de Paneb EA 273
(in <http://xy2.org/sitebuilder/images/EA273>).

Referências bibliográficas

(Apenas de títulos não mencionados nas notas de rodapé)

- Bierbrier, Morris L., «Notes on Deir el-Medina. II. The Career of Paneb», *Journal of The Society for the Study of Egyptian Antiquities. Journal (JSSEA)* 8, 1978, pp. 138-139.
- _____, *The Tomb-builders of the Pharaohs*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1982.
- _____, *The Royal Artisans of the Pharaohs*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1989.
- Bruyère, Bernard, *Tombes thébaines de Deir el Médineh à décoration monochrome* (= MIFAO, 86). Cairo, 1952, pp. 66-87.
- Cardoso, Ciro Flamarion, «Las unidades domésticas en el Egipto antiguo», in Marcelo Campagno (ed.), *Parentesco, patronazgo y Estado en las sociedades antiguas*, Buenos Aires, Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires, pp. 87-107.
- Davies, Benedict G., *Who's who at Deir el-Medina: A prosopographic study of the royal workmen's community*, Leiden, Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1999.
- Eyre, C. J., «Crime and adultery in Ancient Egypt» in *JEA* 70, 1984, pp. 92-105.
- Haring, Ben, «From oral practice to written records», in *Journal of Economic and Social History of Orient*, n.º 46, Leiden, 2003, pp. 249-272.
- Janssen, Jac. J., «Two personalities», *Gleanings from Deir el-Medina*, Leiden, Nederlands Instituut Voor het Nabije Oosten, 1982, pp. 109-123.
- Janssen, Jac. J., «Amenmesse and After: The chronology of the late Nineteenth Dynasty Ostraca», *Village Varia. Ten Studies on the History and Administration of Deir el-Medina*, (Egyptologische Uitgaven IX), Leiden, Nedeerlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1997, pp. 99-109.
- Johnson, Janet H., «Sex and marriage in Ancient Egypt», *Hommages a Fayza Haikal, BdE* 138, 2003, pp. 149-159.
- Lesko, Leonard H. (ed.), *Pharaoh's Workers: The villagers of Deir el-Medina*, Ithaca, Cornell University Press, 1994.
- McDowell, Andrea C., *Jurisdiction in the Workmen's Community of Deir el-Medina (Egyptological Uitgaven V)*, Leiden, Nedeerlands Instituut voor het Nabije Oosten, 1990.
- Orriols I Llonch, Marc, «La traición a la Maat. La violencia contra las mujeres en el antiguo Egipto», *Violencia deliberada. Las raíces de la violencia patriarcal*, Barcelona, Icaria Editorial, 2007, pp. 57-70.
- Peet, Thomas Eric, «A historical document of Ramesside age», *Journal of Egyptian Archaeology* 10, 1924, pp. 116-127.
- Rice, Michael, *Who's who in Ancient Egypt*, London/New York, Routledge, 2002.
- Théodoridès, Aristides, «Dénonciation de malversations ou requête en destitution? (Papyrus Salt 124 = Pap. Brit. Mus. 10055)», *Revue Internationale des Droits de l'Antiquité (RIDA)*, 28, 1981, pp. 11-79.

Toivari-Viitala, Jaana, *Women at Deir el-Medina. A Study of the Status and Roles of the Females Inhabitants in the Workmens Community during the Ramesside Period (Egyptological Uitgaven XV)*, Leiden, Nedeerlands Instituut voor het Nabije Oosten, 2001.

Shaw, Ian; Nicholson, Paul, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, London, British Museum Press, 1995.

Webgrafia

<http://www.leidenuniv.nl/nino/dmd/dmd.html>



Compiled by K. Donker van Heel, B. Haring, R. Demarée and J. Toivari-Viitala

A justiça na Antiguidade
Leonor Santa Bárbara e Francisco Caramelo

I. A justiça na Antiguidade

O Caso Paneb (Papiro Salt 124). Entre a frustração e o senso de justiça
José das Candeias Sales

“Conselho a um príncipe”: o poder real e o paradigma da justiça na Mesopotâmia
Francisco Caramelo

A justiça e os seus sinónimos: modelos de univocidade na expressão pré-clássica do essencial
José Augusto M. Ramos

O específico da justiça na Bíblia hebraica
Armindo dos Santos Vaz

O discurso da Justiça em Jeremias 1-25: profetismo, realeza e crítica social
João Pedro Vieira

Justiça, lei e poder na *História da Guerra do Peloponeso*
Adriana Nogueira

O paradoxo da justiça em Epicuro
Leonor Santa Bárbara

O conceito de justiça nas *Máximas Capitais* de Epicuro
João Pereira de Matos

Quae fuerat fabula, poena fuit. Mitologia e justiça na arena romana
Nuno Simões Rodrigues

Aspectos culturais da concepção de justiça na Roma antiga
Maria do Rosário Laureano Santos

Derecho de gentes y política religiosa: Roma-Gades
António Ruiz Castellanos

II. As editoras e o seu património

O património da edição contemporânea portuguesa: estado da questão
Daniel Melo

“As editoras e o seu património em debate”: introdução problematizante e testemunhos
Daniel Melo (org.), José Pacheco Pereira, João Corregedor da Fonseca e José Antunes Ribeiro

III. Varia

Esboço do Quadro de Cebes
Manuel Augusto Naia da Silva

Vergílio Ferreira. Uma aproximação existencial
Maria de Lourdes Sirgado Ganho

A *Anábase* de Xenofonte – Elementos para o estudo da religiosidade grega
Filipe de Almeida Fernandes Soares

A metafísica do humano em José Ortega y Gasset e Juan Ramón Jiménez
Helena Simões

A censura dos livros de médicos portugueses. Descrição metodológica dos exemplares conservados nas bibliotecas da Universidade de Coimbra
Hervé Baudry

Recensões

Cícero, *Tratado da República*
Ana Rita Lopes

Lícurgo, Oração contra Leócrates
Edgar Fernandes

Ivo Buzek, *La imagen del gitano en la lexicografía española / Historia crítica de la lexicografía gitano-española*
Iva Svobodová

ISSN 0870-4546



9 770870 454302